

IDENTIDADES EM MOVIMENTO DIALÓGICO: A SURDEZ NO COTEJO SOCIAL

IDENTITIES IN DIALOGICAL MOVEMENT: DEAFNESS IN SOCIAL CONTEXT

Emiliana Oliveira de Lima¹

Marília Varella Bezerra de Faria²

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar se e como a ação das forças verboideológicas, centrípetas e centrífugas, relacionadas à surdez no contexto social, refletem os posicionamentos identitários de surdos e de mães ouvintes de filhos surdos, aprendizes de Libras no CAS Natal. A linguagem é uma força motriz movida por discursos heterogêneos, que acontecem em diferentes modalidades, tanto visuais quanto orais, as quais nos atravessam nas diferentes relações dialógicas tecidas socialmente e, conseqüentemente, refletem posicionamentos identitários. Por isso, lapidamos nosso olhar investigativo com base nos pressupostos da área In]disciplinar da Linguística Aplicada – LA (Moita Lopes, 2006, 2013; Kleiman, 2013), que traz à cena a voz de sujeitos marginalizados socialmente. O entendimento da linguagem como prática social do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011, 2015; Volóchinov, 2018, 2019) nos lança a compreensão da ação das forças que criam tensões ideológicas capazes de subsidiar as constituições identitárias. Para discutir sobre as identidades, ancoramo-nos nos Estudos Culturais (Hall, 2014, 2020; Woodward, 2014), e sobre a Libras, recorremos aos Estudos Surdos (Baleiro Lodi, 2021; Lodi, 2006; Sá, 2010; Skliar, 1998; Perlin, 1998). A pesquisa consiste num estudo qualitativo-interpretativista, cujos dados foram retirados da dissertação de Mestrado de Lima (2022). Mediante as análises, reconhecemos o quanto as forças verboideológicas influenciam os posicionamentos identitários de sujeitos surdos e ouvintes, diante das representações sociais da surdez. Concluimos que a ação da força centralizadora está fortemente impregnada nos discursos que circulam socialmente sobre a surdez, sendo, concomitantemente, marcante a ação das forças centrífugas, as quais fortalecem a resignificação desses discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Identidade. Surdo.

ABSTRACT

The objective of this study is to verify if and how the actions of verbal ideological, centripetal, and centrifugal forces, linked to deafness in the social context, reflect deaf people and their hearing mothers' identity positions, all learners of Libras (Brazilian Language of Signs) at CAS Natal. Language is a main force moved by heterogeneous discourses which happen in different modalities, visual or oral, and which are faced as we cross different socio ideological relations, reflecting this way, identity positions. Thus, our investigative eyesight is situated within the area of interdisciplinary Applied Linguistics (Moita-Lopes, 2006, 2013; Kleiman, 2013), that brings to the stage the voice of socially marginalized subjects. The concept of language considered as a social practice by the Bakhtin Circle (Bakhtin, 2011, 2015; Volóchinov, 2018, 2019) leads us to the comprehension of the action of forces which create ideological tensions able to subside identity constitutions. The discussion on identities is based on the Cultural Studies (Hall, 2014, 2020; Woodward, 2014), and the discussion on Libras on Deaf Studies (Baleiro Lodi, 2021; Lodi, 2006; Sá, 2010; Skliar, 1998). The data of this qualitative interpretative research was taken from a Master dissertation by Lima (2022). Analyses indicate that verbal

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), oliveira.emiliana@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0000-5323-5522>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mariliavbf@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-5832-891X>.

ideological forces do influence both deaf and listeners' representations of deafness. We conclude that the action of the centripetal force is strongly attached to discourses about deafness, but also that the action of centrifugal forces strengthens the resignification of those discourses.

KEYWORDS: Language. Identity. Deaf.

1. Olhar introdutório

Neste artigo, abordamos as identidades refletidas pelo exercício de poder das forças de atuação verboideológicas – centrípetas e centrífugas –, presentes em enunciados relacionados às pessoas surdas. É importante destacar que vivemos em uma sociedade majoritariamente composta por sujeitos ouvintes, os quais, geralmente, desconhecem as vivências discursivas das pessoas surdas, o que resulta na prevalência de discursos que estigmatizam essa comunidade e interferem negativa ou positivamente nas constituições identitárias desses sujeitos.

Essa é uma questão que requer atenção, pois em grande parte dos discursos de ouvintes que aludem ao surdo³ normalmente predominam estereótipos (Perlin, 1998), os quais são caracterizados pelas diferenças socioculturais e influenciados pela falta de conhecimentos sobre as culturas surdas (Klein; Lunardi, 2006) e sobre as línguas de sinais.

Nesse panorama, o surdo sinalizante, orgulhoso de sua língua e cultura, passa a ser aquele que destoa do contexto social. Visto que, ao rejeitar a marginalização que determinados discursos aspiram inseri-lo, faz romper os paradigmas construídos socialmente que o qualificam como pessoa com deficiência. Em contraposição ao que se repercute socialmente entre os ouvintes, os surdos, por meio dos movimentos surdos (Klein; Lunardi, 2006; Perlin, 1998), narram suas histórias de resistência e luta por direitos sociais de forma empoderada.

Diante desse contexto, este trabalho é embasado na dissertação⁴ de Lima (2022), ancorado nos estudos do Círculo de Bakhtin⁵ (Bakhtin, 2011, 2015; Volóchinov, 2018), que entende a linguagem como prática social; nos Estudos Culturais (Hall, 2014, 2020; Woodward, 2014); e nos Estudos Surdos (Baleiro Lodi, 2021; Lodi, 2006; Sá, 2010; Skliar, 1998). A pesquisa tem caráter Indisciplinar da Linguística Aplicada – LA (Moita Lopes, 2006), tendo em vista que escutamos a heterogeneidade discursiva das vozes sociais de sujeitos que estão à margem (Kleiman, 2013); e configura-se como um estudo de cunho qualitativo-interpretativista (Laville; Dionne, 1999).

³ Para Skliar (2006), o conceito de surdez está no território das representações, haja vista que, historicamente, “a tradição médico-terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo” (Sá, 2010, p. 65). Existe, ainda, a compreensão atravessada pelos Estudos Surdos, que, politicamente, constitui a surdez pelo viés sociocultural. Nesse sentido, conforme nos explicam Perlin e Reis (2012), ser surdo é uma questão de diferença relacionada à experiência visual, a partir da qual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelos modos de ser, de se expressar e de conhecer o mundo praticados pelo surdo, bem como sua forma de se dizer nas artes, na política e nos conhecimentos científico e acadêmico.

⁴ A referida dissertação obteve aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sob o nº 46968521. 3.0000.5537.

⁵ Refere-se à identificação de um grupo de intelectuais russos, de diversas áreas, que se reuniam regularmente de 1919 a 1929. Dentre outros, destacam-se: Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, pela construção de importantes obras em estudos linguísticos (Faraco, 2009).

A pesquisa foi realizada no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS Natal. A referida instituição educacional se alinha à educação especial na perspectiva da educação inclusiva e tem como finalidade promover a educação inclusiva, ofertando o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a capacitação em Língua Brasileira de Sinais – Libras para profissionais da educação, servidores da rede estadual em geral e familiares de surdos atendidos no AEE.

Nesse sentido, a pesquisa contou com onze participantes. Desses, no entanto, escolhemos dar atenção às vozes dos participantes surdos — dois ex-alunos do AEE e uma professora do AEE — e a três mães ouvintes de filhos surdos, pois suas experiências convergem nos contextos familiar e social. A entrevista semiestruturada foi o aporte metodológico para a coleta dos dados, sendo realizada individualmente no período compreendido entre outubro de 2021 e janeiro de 2022. Por escolha dos participantes, todas as entrevistas aconteceram de forma *on-line*, via *Google Meet*, com duração média de uma hora.

Diante disso, o objetivo deste estudo é verificar se e como a ação das forças verboideológicas, centrípetas e centrífugas, relacionadas à surdez no contexto social, refletem os posicionamentos identitários de surdos e de mães ouvintes de filhos surdos, aprendizes de Libras no CAS Natal.

O artigo está dividido em quatro seções, organizadas da seguinte maneira: na primeira tecemos considerações iniciais quanto às nossas bases teóricas e sobre o objeto de estudo; na segunda, fazemos uma revisão da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin e no que concerne à identidade com base nos Estudos Culturais; na terceira, analisamos discursos de surdos e mães ouvintes de filhos surdos, entrelaçando a relação dos seus enunciados à ação das forças verboideológicas nos processos de constituição identitária; por fim, na quarta seção, tecemos nossas considerações finais.

2. Linguagem e identidades à luz do Círculo de Bakhtin e dos Estudos Culturais

A base do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin compreende que somos seres de linguagem. Sendo assim nossas interações sociais e suas reverberações acontecem por meio das diferentes conexões dialógicas que estabelecemos com o outro. Nessa lógica, as relações de alteridade, o “eu” e o “outro”, são fundamentais para se discutir as identidades, pois entende-se a inseparabilidade da interação entre diferentes vozes sociais na constituição do sujeito.

Essas interações são denominadas por Bakhtin (2015) como relações dialógicas. Por isso, é importante compreender a concepção construída pelo Círculo a respeito das forças centrípetas e centrífugas. Esses são termos cunhados pela área da Física, mas consonantes com os conhecimentos difundidos por esse grupo de estudiosos que promulgam a existência de tais forças nas relações dialógicas entre sujeitos sociais e historicamente organizados. Assim, reconhecendo que todos os discursos se conectam a uma corrente ideológica, ou seja, há tensões entre eles.

Os discursos socialmente circundantes são regidos por essas forças, pois existem por intermédio da circulação de uma diversidade de vozes sociais. Por isso, conforme os pressupostos da LA e dos estudos do Círculo, interessamo-nos por enunciados de sujeitos expressivos e falantes (Bakhtin,

2011). Cujas experiências com a linguagem, nos mais diversos meios sociais, acontecem de modos diferenciados para cada pessoa, pois são influenciadas por inúmeros fatores: pessoais, familiares, culturais, de época etc.

Em vista disso, é relevante ponderar que os processos de interação discursiva são regidos pelas forças de atuação verboideológicas, pois Bakhtin (2015) infere que cada época, hora, grupo social possui o seu acento valorativo. Nenhum enunciado, portanto, é construído em um vácuo social, ele carrega ressonâncias das vozes sociais que o circundam.

Então, ao nos dedicarmos ao estudo de enunciados vivos que são valorados axiologicamente, compreendemos que neles não há neutralidade, mas projetos de dizer, visto que possuem autoria, visões de mundo e, assim, refletem concepções de caráter socioideológico. Bakhtin (2015, p. 49) nos explica que “[...] o enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto do diálogo social”. Portanto, os enunciados são saturados por ambas as forças que atuam na língua viva, pois elas nutrem as interações dialógicas que se constroem com base nas suas intenções discursivas.

Essas forças representam a existência de um jogo de poder entre as vozes que circulam socialmente. As centrípetas estão diretamente ligadas às ações de unificação e concentração dos discursos; enquanto as centrífugas tensionam para a dispersão e resistência, criando embates dialógicos no interior da tensa arena⁶ discursiva. Essa arena, no sentido bakhtiniano, existe porque a língua é estratificada pela flexibilidade heterodiscursiva, que é a linguagem viva.

É importante considerar que a palavra enunciada possui interpretações distintas das que estão fixadas no dicionário, inclusive do como se inscreve no imaginário social, pois considerar uma palavra como enunciado significa dizer que ela está impregnada de consciência axiológica, ou seja, está no mundo dos signos (Volóchinov, 2018). Portanto, essa palavra vem valorada, carregada de visões de mundo que podem até mesmo qualificar ou desqualificar sujeitos sociais. Tomemos como exemplo o tema desta pesquisa, cujas palavras, ao serem enunciadas por um determinado grupo social, configuram-se como enunciados encobertos de estereótipos em relação a sujeitos marginalizados socialmente.

Além disso, estar em uma arena discursiva simboliza que todo enunciado participa de uma cadeia dialógica, ou seja, está interligado ao já dito e é “preche de resposta” (Bakhtin, 2016, p. 25). Por conseguinte, palavras enunciadas possuem valor sócio-histórico e, quando estão carregadas de estereótipos, divergem das lutas por reconhecimento identitário, social, cultural e, especialmente, linguístico de diferentes sujeitos. Seu acento valorativo indica “[...] a colisão de *duas* ideologias dentro de *um* fluxo discursivo, isto é, do conflito entre dois pontos de vista de classe” (Volóchinov, 2019, p. 276, grifo do autor).

⁶ A arena é o lugar onde acontecem os embates discursivos das vozes sociais (Volóchinov, 2012). Na tradução de Marxismo e Filosofia da Linguagem está: palco (Volóchinov, 2018). Contudo, vamos usar: arena, por entendermos que esse termo contempla com mais propriedade a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin.

Na arena discursiva, as forças centrípetas estão em constante luta de poder com as forças centrífugas, pois “[...] o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (Bakhtin, 2015, p. 51). Nessa relação dialógica, os enunciados disseminados pela centralização são contestados pelo engajamento de sujeitos que dispersam de olhares que o marginalizam, de forma empoderada, com enunciados incisivos, como representação das forças centrífugas.

Nessa força transgressora, percebe-se o afastamento do que é exposto na representação da atuação da força centralizadora, pois “[...] ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação*” (Bakhtin, 2015, p. 41, grifo do autor).

Desse universo linguístico, emanam difusos meios de interação social, em que a língua, com sua vivacidade discursiva, penetra labirintos cercados pelo poder disseminado entre as duas forças verboideológicas. Ao mesmo tempo, por meio da historicidade do processo de construções valorativas pelo sujeito, é perceptível que o exercício de poder, presente na circulação das vozes sociais, transparece na maneira como direcionamos nosso olhar sobre determinado grupo social.

Por conseguinte, no simpósio universal (Bakhtin, 2011), as relações sociais são pautadas por diversas formas de interagir e conviver. Entre elas, as linguagens se destacam pela capacidade de tocar o outro singular por meio de discursos axiologicamente saturados. Nesse sentido, Bakhtin (2015) compreende que em todos os discursos coexistem tensões sociais reveladas por intermédio das ações das forças centrípetas e centrífugas. A primeira, projetando para a unificação e se opondo às dispersões guiadas pelo heterodiscurso⁷, e a segunda, contrapondo-a, distanciando-se de estereótipos, polemizando e fugindo à regra.

Isso posto, compreendemos que interagir dialogicamente é manter o equilíbrio na linha tênue que é assumir posicionamentos identitários frente às infinitas interações socioculturais circundantes nos diversos espaços sociais. Nesse sentido, somos conscientes de que, em todas essas relações, coexistem as consonâncias e as dissonâncias, pois “[...] delas podem resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa” (Faraco, 2009, p. 68). Por fim, compreendemos que todas as identidades construídas são reflexos das forças verboideológicas.

Em vista disso, as discussões acerca das identidades na contemporaneidade são complexas e tensionam com entendimentos que repercutem uma crise de identidades (Hall, 2020; Woodward, 2014), condizente com o tempo sócio-histórico que estamos situados, compreendida como modernidade líquida por Bauman (2001) e sociedade do cansaço por Han (2017). Assim, os sujeitos discursivos

⁷ Bakhtin (2015, p. 29-30) entende que o heterodiscurso é a “estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências, dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos)”.

presentes nesse “[...] clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza” (Woodward, 2014, p. 25), inevitavelmente, constituem identidades mutáveis, que não circulam a partir de um eu uno e coeso.

Trazendo essa discussão para o campo da surdez, podemos pensar que surdos e ouvintes constituem identidades igualmente cambiantes. Eles partem das suas diversas vivências dialógicas, intrinsecamente ligadas às visões discursivas em torno do que a sociedade depreende acerca do que é ser surdo. Algumas são fortemente influenciadas pelo olhar patológico, especialmente, advindo da Medicina – forças centrípetas; enquanto outras são embasadas no olhar socioantropológico, que concebe a surdez como diferença linguística e cultural – forças centrífugas.

Essas visões se constroem e se propagam discursivamente por estereótipos disseminados socialmente para atender ideologicamente aos interesses de diferentes grupos sociais. Existem tensões entre eles, dado que estão em uma arena discursiva, e é nela que as identidades são forjadas ininterruptamente.

O conceito de arena discursiva se refere aos embates que acontecem nas interações entre as vozes sociais. Volóchinov (2018) compreende que todos os enunciados são atravessados por questões ideológicas, ou seja, atendem a uma intenção. Afinal, conforme discrimina Ponzio (2015, p. 116),

a ideologia é um sistema de concepções que está determinado pelos interesses de um determinado grupo social, de uma classe, e que, baseado em um sistema de valores, condiciona atitudes e comportamentos tanto dos sujeitos do grupo em questão como dos outros grupos sociais, quando se converte em ideologia dominante.

Esse campo de formação ideológica confere à palavra um lugar ideológico por excelência (Volóchinov, 2018), pois ela é um signo neutro, por isso pode assumir qualquer função ideológica e, assim, atender aos mais diversos interesses discursivos. Contudo, é imprescindível compreender que, ao ser enunciada, a palavra se enche de valor socioideológico, perdendo, portanto, seu caráter de neutralidade. Por isso, analisamos a palavra valorada socialmente, envolvida por intenções discursivas preenchidas axiologicamente. Dito de outro modo, todo enunciado corresponde a um projeto de dizer que entrou em relação dialógica com outros inúmeros discursos, com os quais concordamos ou não.

É importante compreender que a noção de dialogismo é embasada na visão de que não somos seres adâmicos, não temos nem a primeira, tampouco a última palavra. Isso significa que todo discurso se liga ao “já dito”, não importa se vem do “eu” ou do “outro”, em um constante processo de refletir e refratar (Bakhtin, 2015) aquilo que está circulando socialmente.

São nas relações dialógicas que diferentes vozes se cruzam e dão vida à linguagem. Nesse ínterim, construímos nossas identidades por meio de enunciados que dialogam com aquilo que nos representam, o que não quer dizer que isso se dê de forma harmônica. Ao contrário, é exatamente em meio ao conflito do eu com o outro e, inclusive, do eu consigo mesmo que as identidades são forjadas, e é isso, segundo Hall (2014), que as torna inacabadas.

Por sua essência dialógica, depreendemos que a contemporaneidade é, por excelência, cenário que acolhe e celebra toda a diversidade discursiva entre os mais distintos sujeitos sociais. Isso significa

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

que, a heterogeneidade rege as relações sociais entre sujeitos singulares, constituindo a pluralidade de linguagens, culturas, visões de mundo que dá vivacidade aos encontros dialógicos, no sentido bakhtiniano de refletir e refratar o mundo, quando diversas cosmovisões se constituem na grande teia dialógica.

Por essa perspectiva, interpretamos que os estudos que versam sobre as identidades precisam considerá-las no plural, visto que, nesse tempo histórico de ininterruptas mudanças, o sujeito vivencia um constante processo de “tornar-se” (Woodward, 2014). Por isso, entendemos que o sujeito não é detentor de uma identidade fixa, estática, una e coesa (Hall, 2020), mas plural, móvel, cambiante e, inclusive, contraditória.

Em seus estudos, Woodward (2014) compreende que as identidades são relacionais e, por isso, marcadas pela diferença. Tal entendimento converge com o olhar bakhtiniano, segundo o qual dependemos do outro para construir um olhar sobre nós mesmos. Isso quer dizer que a alteridade é imprescindível às constituições identitárias, portanto “[...] a existência e consciência de um ‘eu’ somente emerge diante dessa alteridade” (Gerald, 2018, p. 13).

Além disso, ver as constituições identitárias como relacionais nos guia à compreensão de que o ato de se identificar com os discursos de determinado grupo social faz com que nos sintamos pertencentes a ele em determinado momento histórico, mesmo sabendo que isso não nos define por completo. Afinal, nunca alcançaremos tal patamar social, pois, como nos disse o compositor Raul Seixas, somos uma metamorfose ambulante.

Por essa razão, é importante compreender que a constituição das identidades acontece em determinado tempo histórico, entre sujeitos diferentes que se relacionam dialogicamente, atravessados por diferentes visões de mundo. Porém, por não terem alibi para a vida (Bakhtin, 2011), em sua compreensão dialogicamente responsiva, “[...] elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante” (Faraco, 2009, p. 58). Por consequência, os sujeitos não permanecem os mesmos após cada novo encontro dialógico, inclusive contestando as identidades (Woodward, 2014). Isso significa dizer que

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas - ao menos temporariamente (Hall, 2020, p. 12).

Nesse panorama, refletimos que as discussões em torno das identidades de sujeitos marginalizados socialmente requerem um olhar aguçado para a reverberação das forças verboideológicas sobre suas constituições identitárias, pois ecoam encontros e desencontros consigo e com o outro. Ocorre que, a depender da força em ação, o olhar para si e para o outro sofre influências distintas; algumas, de forma positiva; outras, negativa, e todas refletem nos posicionamentos identitários.

Esse processo evidencia o quanto os discursos do outro interferem nas visões de mundo que embasam determinado posicionamento identitário, pois a

[...] identidade na concepção dialógica envolve, portanto, a alteridade: defino o que sou a partir do que não sou, e o faço de acordo com os outros (o que não sou) com os quais interajo ao longo da vida. Não sou um sujeito distinto a cada interação, mas também não tenho uma identidade imutável, mas uma mescla entre alguns elementos constantes de meu ser e os elementos que se vão alterando ao longo da vida. (Sobral; Giacomelli, 2015, p. 220).

Por essa razão, as vozes sociais tensionando as forças centrípetas e centrífugas determinam, mesmo que provisoriamente, o modo como enxergamos o eu e o outro. Por isso, as relações dialógicas são indispensáveis para a ampliação das valorações sociais, especialmente no que diz respeito a determinados grupos sociais, como é o caso das pessoas surdas. Assim, percebemos como a ação das forças verboideológicas assume importante papel na constituição identitária de sujeitos, especialmente daqueles marginalizados socialmente, como veremos a seguir.

3. Forças verboideológicas no processo de constituição identitária

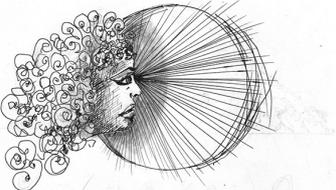
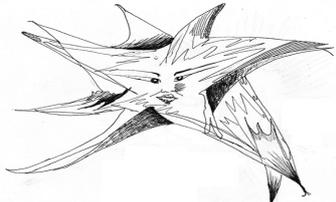
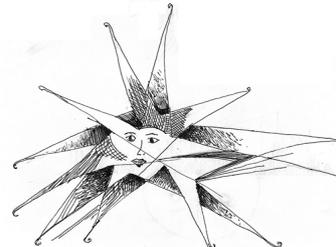
À luz da perspectiva bakhtiniana de linguagem, na qual os sujeitos são atravessados por uma multiplicidade de vozes sociais, que, por sua vez, são construídas por tensões sociais, históricas e ideológicas. Essas tensões são figuradas nas forças centrípetas e centrífugas, assim, analisamos enunciados manifestos na arena discursiva em relação à pessoa surda.

Tomamos por base o processo existente entre o exercício de poder das forças verboideológicas, enquanto eixo norteador para o olhar que lançamos a respeito de como elas influenciam os posicionamentos de sujeitos surdos e ouvintes frente à surdez. Partimos da compreensão de que os discursos nascem e ecoam sempre pautados em relações dialógicas, por isso os consideramos nas suas constituições social, histórica e cultural, pertencentes ao seu caráter de significação valorativa.

Entendemos que todo enunciado provém de um sujeito socialmente situado, que interage dialogicamente com incontáveis enunciados, cuja singularidade é pautada em suas vivências únicas, biológicas, biográficas, históricas, sociais, de classe. Diante disso, em uma perspectiva bakhtiniana, para o movimento de análise de discursos, é de suma importância situar esse sujeito em suas vivências.

A referida pesquisa aconteceu em um centro especializado em educação de surdos na capital potiguar: o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS Natal, que atua com Atendimento Educacional Especializado e Capacitação em Libras para profissionais da educação e para as famílias dos alunos atendidos no AEE. Os participantes da pesquisa estão ligados à referida instituição, e nela foram ou são aprendizes da Libras. Adaptamos um quadro com uma breve apresentação dos participantes, a fim de mapear suas experiências frente ao tema deste estudo.

Quadro 1: Participantes da pesquisa

EX-ALUNOS DO AEE		
<i>Brilho do Luar</i>		8 Nasceu surda em família de ouvintes, oriunda do interior do estado. Iniciou o aprendizado da Libras em 2014, no CAS Natal. Antes disso, seu meio de comunicação e interação social era a oralidade.
<i>Luar</i>		Nasceu surdo em de família ouvinte, na capital Potiguar. A comunicação acontecia por meio da oralidade, até que, aos 15 anos, começou a aprender a Libras no CAS Natal.
PROFESSORAS DO AEE		
<i>Estrela Dourada</i>		Nasceu ouvinte, em uma família de ouvintes e, quando criança, após uma queda, perdeu a audição. Tem experiências linguísticas nos dois mundos, surdo e ouvinte. Atualmente, é a única professora surda concursada do CAS Natal.
<i>Estrela Brilhante</i>		Mãe de surda, por isso, aprendeu a Libras. A língua além de fundamentar sua relação com a filha também subsidia a sua atuação profissional. Em 2015, tornou-se professora de Libras no CAS Natal, lugar onde aprendeu a língua.
MÃES DE ALUNOS DO AEE		
<i>Iluminista</i>		Mãe de dois filhos, uma ouvinte e um surdo, residente no interior. Sofreu muito com a falta de informações e buscou diferentes alternativas para a reabilitação do filho. Porém, ao saber da existência da Libras e do CAS Natal, ambos iniciaram o aprendizado da língua na referida instituição.
<i>Alvorada</i>		Mãe de filho único, um jovem surdo implantado e com paralisia cerebral, residente no interior. Conheceu a Libras e o CAS Natal a partir de orientações da intérprete de Libras na escola em que seu filho estuda. Compreende que a Libras é a língua do seu filho, e sua também.

Fonte: Elaboração das autoras

⁸ Ilustrações do artista visual João Viannei, feitas exclusivamente para representar os participantes da referida pesquisa de mestrado.

Como exposto no quadro acima, neste estudo dialogamos com seis sujeitos, surdos – *Luar*, *Luz do Luar* e *Estrela Dourada* – e ouvintes – *Estrela Brilhante*, *Iluminista* e *Alvorada* –, que narram suas vivências com a surdez. Seguimos para a análise dos dados, que está dividida em duas etapas: na primeira, apresentamos enunciados que coadunam com a ação das forças centrípetas; e na segunda, elencamos os enunciados que se alinham às forças centrífugas. Em ambas, entrelaçamos a discussão de como percebemos o processo de constituição das identidades nos referidos enunciados, a partir da ação de cada uma das forças.

As representações das forças verboideológicas integram os processos de constituição das diferentes identidades do sujeito, e os seus discursos estão conectados a distintas experiências com a surdez. Isso significa que estamos diante de sujeitos cujas visões de mundo são fortemente marcadas pelas vivências de pessoas ouvintes, por estarem imersos em espaços sociais majoritariamente compostos por ouvintes, inclusive no seio familiar.

Sucintamente, isso indica que as relações sociais desses sujeitos estão entrelaçadas, predominantemente, por linguagens transmitidas e compreendidas pela modalidade oral auditiva, quando ouvir é o eixo norteador; o que contrasta com a vivência da pessoa surda, visto que “[...] a surdez é, antes de tudo, uma experiência visual” (Sá, 2010, p. 331). Dessa experiência, surgem as culturas surdas, as línguas de sinais e todas as suas formas de interagir socialmente (Perlin; Miranda, 2003).

Portanto, estamos diante de uma questão que ultrapassa a simples oposição entre ser surdo ou ser ouvinte. Entendemos que existem sujeitos antagônicos que constituem suas visões de mundo no decurso de experiências distintas e, conseqüentemente, constroem seus conhecimentos em relação à surdez de forma singular. Com isso, seus discursos aludem a uma heterogeneidade discursiva que revela posicionamentos diferentes em relação à surdez, em constante movimento de unificação e dispersão.

A tensão entre essas visões de mundo se justifica pelo fato de a nossa linguagem ser povoada por palavras alheias, ocasionando conflitos, pois

Nossa linguagem prático-cotidiana é repleta de palavras alheias: com algumas fundimos por completo a nossa voz, esquecendo de quem são; com outras reforçamos as nossas palavras, percebendo-as como dotadas de autoridade; por fim, povoamos as terceiras com nossas próprias intenções alheias ou hostis a elas (Bakhtin, 2022, p. 173).

Com base no que Bakhtin infere, é inegável a existência do jogo de poder entre as diferentes vozes sociais, assim como a compreensão de que, a partir delas, nos filiamos a distintas linhas ideológicas, o que influi no modo como vemos o mundo.

Dito isso, a seguir, analisamos os enunciados que indicam as intenções discursivas tensionadas por ambas as forças verboideológicas, iniciando com a centrípeta. Antes, porém, a partir dos enunciados dos participantes, organizamos um esquema (figura 1) que ilustra o exercício de poder das forças centrípetas, com o intuito de facilitar sua compreensão visual.

Figura 1: Forças centrípetas relacionadas aos surdos



Fonte: Elaboração das autoras

Como ilustrado na figura 1, essa força tensiona para o centro, por isso nos referimos a ela como centralizadora, considerando que os discursos se alinham à unificação de posicionamentos construídos socialmente, de forma a atender aos interesses ideológicos de um grupo social hegemônico em detrimento de outro, nesse caso, os ouvintes sobre os surdos.

Com isso, percebemos as ressonâncias de pontos de vista sobre os surdos que estão impregnadas no imaginário social, porque, mesmo no século XXI, a maioria dos ouvintes ainda reproduz discursos como os expostos. Compreendemos que todos eles são evocados de acordo com a vivência situada de cada sujeito, geralmente embasando-se no olhar de ouvintes que não percebem a surdez como algo que é, antes de tudo, uma experiência visual (Sá, 2010; Skliar, 1998), responsável pela origem das línguas de sinais e das culturas surdas (Klein; Lunardi, 2006).

Tendo em vista que as forças centrípetas se alinham à unificação e à centralização, seu acento valorativo direciona o olhar para o surdo mediante seu viés patológico. Com efeito, fomenta estereótipos ligados a esses sujeitos que, por não utilizarem o aparelho oral auditivo para construir suas interações discursivas, são encarados como atípicos à norma social ouvinte.

Para representá-la, elencamos enunciados de surdos e ouvintes concernentes às suas primeiras vivências dialógicas em relação à surdez. Vejamos:

“Antes eu estava assim, sem muito conhecimento, usava mais a **oralidade**. Porque a minha mãe não conhecia essa relação do surdo com a língua.” *Brilho do luar*

“Se antes eu não tivesse Libras, significava que faltava muita informação para o meu cotidiano, era uma vida muito simples, minha comunicação era só “boa tarde”, “boa noite”, e o resto de comunicação, cadê?” *Luar*

Estamos diante de enunciados de surdos que, durante boa parte da vida, tiveram a oralidade como principal meio de comunicação. E, como é possível perceber, isso esteve ligado à falta de conhecimento de suas famílias acerca da relação do surdo com a língua, que “implica em situar-se no mundo a partir de uma língua que se materializa, discursivamente, no plano visual” (Baleiro Lodi, 2021, p. 318). Desse feito, é compreensível que as relações sociais estivessem acontecendo de forma simplória, realidade que conduz *Luar* a questionar sobre sua comunicação nesse meio hegemônico. Assim, evidenciamos que a oralidade não atendia de forma satisfatória às demandas discursivas desses sujeitos.

O meio centralizador ouvinte exige do surdo uma relação com a linguagem oral, diferentemente daquela com a qual ele se reconhece – visual –, pressupondo que o sujeito precisa se esforçar mais para se adaptar ao meio de comunicação predominante nos ambientes sociais em que está inserido.

“A pressão para fazer parte desse mundo, onde o que importava eram os sons, o ser ‘ouvinte’, esse lugar me fazia enxergar o ‘eu deficiente’, que precisava se esforçar mais para ser igual aos outros, os que falam e ouvem naturalmente. [...] mesmo não podendo, o jeito era ‘ouvir’, e o que fiz foi aprender a ler os **movimentos orofaciais** da família, o que só conseguia fazer eficientemente com a minha mãe.” *Estrela Dourada*

A pressão exercida pela força centralizadora, para a qual importam os sons, retrata que a oralidade está intrinsecamente relacionada à opressão praticada pelo ouvinte sobre o surdo (Lopes, 2011), o que influenciava negativamente o olhar de *Estrela Dourada* sobre si, refratado a partir de um lugar do “eu deficiente”. Isso porque o outro, ouvinte, estava configurado como o modelo ideal a ser alcançado por meio do desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura de movimentos orofaciais, na tentativa frustrada de interagir seguindo a hegemonia ouvinte. São as marcas do ouvintismo, que, para Skliar (1998, p. 15),

[...] trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.

Aqui, percebemos que as forças centrípetas atuam para que o surdo ocupe um lugar de passividade linguística, como alguém que possa ser moldado pelos ideais ouvintes da oralidade. Tal processo configura a tendência de marginalização social desses sujeitos, pois há lacunas contundentes no tocante às informações acerca da surdez, que, vertiginosamente, alinham-se à força de centralização de uma modalidade de comunicação que se sobrepõe a outra, ou seja, prevalece a oral auditiva.

Diante dos discursos, vemos que as marcas da hegemonia ouvinte recaem sobre o surdo, fazendo-o se enxergar como uma pessoa com deficiência, que, portanto, precisa se adequar ao jeito do outro de interagir socialmente. Portanto, são constituições identitárias que se alicerçam negativamente,

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

pois “[...] adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (Woodward, 2014, p. 8). Assim, são identidades que representam o olhar pejorativo sobre o ser surdo, visto que decorrem da perspectiva centralizadora, na qual a surdez é assinalada como algo indesejado pela sociedade ouvinte.

Conectando-se aos enunciados dos surdos, as mães, ao refletirem sobre suas vivências, apontam a importância do acesso a diferentes informações acerca da surdez, dada a predominância de discursos que preconizam a oralização do surdo. Por partirem de visões de mundo em que a surdez é compreendida como uma falta, que, portanto, precisa de reabilitação.

“Eu comecei a ir pra uma **clínica** né, de... uma clínica, pra fazer **tratamento de fono...** [...], e a gente começou a batalhar o **aparelho**, mas como eu moro no interior, muita coisa eu era desinformada, infelizmente eu não tinha muita informação... aí quando foi um dia, uma prima dele assistiu uma reportagem na televisão, falando sobre o **implante coclear**. Chegou pra mim e falou, né... [...], sabia nem que existia isso.” *Illuminista*

“Eles me incentivaram a botar o **aparelho** e o **implante** para **oralizá-lo**. [...] eu não sabia nada, nada, nada da Libras, nada! Nunca nem tinha visto. [...] o que é que a mãe faz? O que o médico **manda!**” *Alvorada*

“Na verdade, eu nunca tinha visto Libras na minha vida, até eu ter uma filha surda. Quando eu cheguei lá no SUVAG com ela, ela tinha dois anos, então eu vi o primeiro **surdo sinalizando, achei uma coisa, assim, bem diferente e não me interessei**. Porque, até então, eu queria que minha filha fizesse um **implante coclear**.” *Estrela Brilhante*

As mães evidenciam a perspectiva da qual emergem as vivências de diferentes tratamentos a que seus filhos foram expostos desde a descoberta da surdez, como terapia com fonoaudióloga, uso do aparelho auditivo e, por fim, o almejado implante coclear. Ou seja, elas são orientadas a buscar a reabilitação auditiva, para que os filhos se assemelhem ao modelo ouvinte, que representa a sua família ouvinte.

Esse cenário representa o objetivo do oralismo, que é “[...] fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à ‘não surdez’” (Goldfeld, 2002, p. 34). Por isso, os discursos dessas mulheres ouvintes, que nunca teceram relações dialógicas com uma pessoa surda, são condizentes com aqueles que se acumulam no imaginário social. Dessa forma, ao se tornarem mães, essa questão assume um lugar de destaque em suas experiências maternas, afinal são mães de surdos. Assim, guiadas por informações advindas da classe médica, elas buscam os meios disponíveis para a reabilitação dos filhos — oralizar — e, assim, para aproximá-los das experiências de pessoas ouvintes.

Nessa conjuntura, entendendo que “[...] a imagem e as representações sociais sobre a surdez e os surdos começam a se construir desde as primeiras experiências na família” (Sá, 2010, p. 125), ouvimos atentamente a voz⁹ de sujeitos que vivenciam experiências com a surdez em seus lares — surdos nascidos em famílias ouvintes e mães ouvintes de filhos surdos — e percebemos que eles se encontravam inicialmente perdidos, em virtude dos difusos discursos relacionados à surdez, com os quais interagiram até determinado tempo. Eles trazem à cena a falta de conhecimento, o olhar socioantropológico, que vê a surdez enquanto diferença linguística e cultural.

Possivelmente, a justificativa para tal advém dos olhares preconcebidos socialmente e fortemente influenciados pelos discursos de especialistas (Sá, 2010), que ocupam um lugar de autoridade e carregam a máscara da benevolência (Lane, 1992), ao circunscrever recursos como alternativas de reabilitação da surdez. Isso pode ser constatado, inclusive, por meio das escolhas das palavras, como oralizar, deficiente, aparelho, clínica, tratamento, implante coclear, visto que expressam as linhas ideológicas que as tramam.

Ora, todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos (Bakhtin, 2015, p. 48).

A surdez contém acentos valorativos socialmente disseminados, portanto todas as palavras enunciadas refletem identidades que carregam em si as marcas dessas avaliações sociais. Consequentemente, são preenchidas axiologicamente, importando os sons — ouvir e falar —, nesse caso, condizentes com a representatividade das forças centrípetas.

Como fundamentação desse olhar exotópico¹⁰, as experiências iniciais apontam para um reflexo negativo da surdez, embasado na necessidade de os surdos se adequarem ao jeito ouvinte de refletir e refratar o mundo por meio da oralidade. Por outro lado, também reconhecemos que as mães atuam na tentativa de aproximar o filho daquilo que elas conhecem, das suas experiências enquanto pessoas ouvintes. Em outras palavras, são identidades inacabadas (Hall, 2020), pois estão adquirindo potenciais dialógicos em cada nova interação social, mediante os novos e constantes olhares lançados para a surdez.

Isso nos direciona à compreensão de que as identidades, por partirem de uma concepção sociológica, “preenche[m] o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ - entre o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2020, p. 11). Em outras palavras, com as nossas vivências identitárias, estamos respondendo às nossas próprias inquietudes, assim como às que nos chegam pelas relações que tecemos socialmente.

⁹ Voz no sentido no sentido do Círculo de Bakhtin. Portanto, não nos referimos à emissão de som, mas ao posicionamento desses sujeitos sociais.

¹⁰ Para Bakhtin, “no interior do conceito de exotopia, aparece a alternância entre acabamento e inacabamento” (Brait, 2006, p. 110).

Por isso, essas experiências, balizadas pelas forças centrípetas, são prerrogativas refletidas na hegemonia de um grupo social, que condiciona a surdez a uma patologia. Ser surdo, nessa lógica, significa ser uma pessoa com deficiência, pois falta a ele a habilidade sensorial de ouvir sons. É como se na sociedade não existisse espaço para aqueles que fazem uso de modalidades discursivas diferentes, como a língua de sinais. Essa refração influencia na constituição identitária dos sujeitos, pois acontece no interior de um processo dialógico, que, portanto, é relacional (Woodward, 2014), porque “[...] o homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o outro nos olhos ou com os olhos do outro” (Bakhtin, 2011, p. 341, grifo do autor). Por esse efeito unificador, fica evidente que a constituição identitária dos surdos e de mães ouvintes de filhos surdos, por influência de interações dialógicas do ‘eu’ com o outro, vão moldando identidades que emergem de realidades ideológicas impregnadas pelas forças centrípetas. Sendo assim, a composição heterogênea da arena discursiva prevê que os enunciados são conflitantes, portanto, toda palavra enunciada incita uma resposta (Bubnova, 2011) e, nesse sentido, corrobora com o entendimento de que as identidades são inacabadas.

Seguimos, agora, com as respostas advindas da comunidade surda, que representam a forças centrífugas (figura 2) em uma perspectiva socioantropológica, que compreende a surdez enquanto diferença linguística construída social e historicamente. Enquanto “[...] efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos” (Skliar, 1998, p. 13).

Figura 2: Forças centrífugas relacionadas aos surdos



Fonte: Elaboração própria

Nessa conjuntura, as forças centrífugas tensionam para fora do eixo centralizador, sendo regida por discursos dispersantes. Nela, as vozes de resistência se consagram nos movimentos surdos e conclamam o entendimento de que os surdos, são sujeitos falantes das línguas de sinais — aqui, a

Libras — e exigem respeito às suas diferenças linguísticas e culturais. Isto é, a força de dispersão ressalta a existência de visões socioantropológicas em relação à surdez, reconhecendo distintas possibilidades de se relacionar dialogicamente.

Com isso, entendendo que a palavra é bilateral (Volóchinov, 2018), atuando como uma ponte que liga o eu ao outro, por influência positiva dos surdos “[...] algumas práticas ouvintes reconhecem a visão contrária, ou seja, a diferença, e deixam de lado os estereótipos” (Perlin; Reis, 2012, p. 43). Essas práticas pautadas na diferença alicerçam o entendimento de que a plasticidade da linguagem permite diferentes atravessamentos discursivos, inclusive pela experiência visual e, conseqüentemente, pelas línguas de sinais.

Com base nesse pressuposto, nos enunciados a seguir, percebemos a ênfase das reverberações de discursos que se pautam na defesa das diferentes experiências das pessoas surdas e das línguas de sinais, pois essa é uma das principais características de reconhecimento identitário desse grupo social.

“[...] a Libras não é piada, a **Libras é uma língua** para interação, para comunicação e compreensão.” *Luar*

“[...] os surdos precisam ter a oportunidade de ensinar a sociedade ao mundo, ao país, arregaçar as mangas. Nós precisamos ajudar os ouvintes a desenvolverem a **língua.**”
Brilho do Luar

Esses são discursos de resistência de surdos cujas identidades são atravessadas por um sentimento de orgulho de si e da sua língua, pois compreendem que, pelo conhecimento dessa língua, pode haver uma transformação de cada sujeito, “[...] cada um pelo olhar do(s) outro(s) e pelo reconhecimento de ser ‘falante’ da LIBRAS” (Lodi, 2006, p. 6). Assim, almejam que essa língua deixe de ser vista como piada, o que demanda dos surdos, nesse caso, a oportunidade de propagar os conhecimentos produzidos no interior das comunidades surdas, para que a sociedade reconheça a importância da Libras para a interação dialógica do surdo.

São olhares críticos fortemente aguçados pelo orgulho de se reconhecerem identitariamente como surdos, falantes da Língua Brasileira de Sinais, que não precisam mais recorrer ao subsídio da benevolência para, por meio da oralidade, relacionarem-se discursivamente. Esse empoderamento identitário é transversal ao aprendizado dessa língua, pelo fato de que com ela se relacionam discursivamente com diferentes vozes sociais, o que está implicado nas forças centrífugas. Aliás, a força dispersante ancora o desejo que o surdo tem de arrebatar definitivamente a narrativa de sua própria história enquanto protagonista de luta e resistência à hegemonia ouvinte e disseminar as línguas de sinais.

Isso também está interligado à capacidade de as pessoas ouvintes se apresentarem abertas a novas experiências discursivas, em uma modalidade espaço-visual (Quadros, 2019), visto que podem ressignificar a forma como refratam o outro. Em especial, esse processo pode se dar nas relações entre

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

mãe e filho, que é capaz de vê-lo como ele é e não a partir de algo socialmente imposto, que o define por um olhar centralizador.

Como vemos, nossas experiências discursivas são infinitas, e os atravessamentos que nos tocam são condizentes com os embates dialógicos que tecemos com diferentes correntes ideológicas. Por isso, as mães enunciam as mudanças que vivenciaram em relação à surdez dos filhos e que, conseqüentemente, influenciaram seus posicionamentos identitários.

“Eu lembro que quando eu comecei a aprender os primeiros sinais, que eu comecei a praticar com a minha filha, nossa... eu via o brilho no rosto dela e eu comecei a **entender o significado dessa língua**. E foi esse o meu interesse, foi por causa da minha filha.”

Estrela Brilhante

“[...] eu comecei a ver que não era o que é ele. **Ele não é ouvinte, ele é surdo**, então ele vai ter que ir pra língua dele [...]. Antes, eu dizia ‘sou mãe de um implantado’, hoje, eu digo ‘eu sou mãe de um surdo.’” *Alvorada*

Os discursos das mães mostram que elas lançaram mão de visões concebidas socialmente, baseadas em estereótipos, aceitando que seus filhos são surdos e que a surdez é, antes de tudo, uma diferença linguística, que existe uma língua própria do surdo. Esses são posicionamentos identitários que representam a mudança dessas mulheres, em seu constante processo de ‘se tornar’ (Woodward, 2014), pois revelam a potência de uma mãe de se identificar com a experiência de ter um filho surdo e abandonar um lugar de marginalização social. Assim, ela ressignifica a surdez do filho e se reconhece como mãe de surdo.

Entender a surdez por concepções que se distanciam da hegemonia social ouvinte é algo libertador para essas mães, que passaram a ver seus filhos pelo que são, sem defini-los em torno do olhar para a deficiência. Tal questão perpassa o reconhecimento do significado das línguas de sinais tanto para o surdo quanto para elas mesmas, mediante a perspectiva fundamentada na sua capacidade linguística de contemplar as necessidades discursivas dos surdos.

No entanto, essa é uma questão que ultrapassa o ambiente familiar, pois, como discorremos anteriormente, os discursos insurgem relações entre diferentes vozes sociais. Por isso, após construir um novo olhar a respeito da surdez, vemos uma mãe se posicionando em defesa da presença da língua de seu filho, que ela também reconhece como sendo sua, em diversos espaços sociais.

“[...] seria muito bom que essas instituições, a saúde, educação, todas as áreas fossem obrigadas. Vai fazer um concurso, você vai ter que ter aquela língua, você vai ter que aprender a **se comunicar com as diferenças**.” *Iluminista*

Em sua prerrogativa, a *Iluminista* aponta que, em todos os âmbitos sociais, as diferenças precisam ser reconhecidas e respeitadas, incluindo a inserção de conhecimentos compatíveis à efetiva inclusão social dos surdos. Isso significa que é necessário abranger o uso da Libras em distintos ambientes, como meio de garantir a inclusão social desses sujeitos.

O confronto entre as forças representa, aqui, o agir das forças centrífugas, levando a uma dispersão de discursos hegemônicos e configurando a ascensão de visões de mundo que dialogam com as diferenças, de ordem linguística, cultural ou social. É o movimento de resistência da comunidade surda, de valorizar o ser surdo e defender a Libras, que demonstra o quanto a movência das identidades traz contribuições pertinentes aos sujeitos, em especial, por possibilitar a fluidez discursiva e, assim, o encontro com outros modos de reconhecimento e posicionamento ideológicos.

Por outro lado, ressaltamos que a dispersão conclamada pelas forças centrífugas não representa que os surdos querem se distanciar dos ouvintes, ao contrário, visam que o respeito às diferenças seja exercido. Para que isso se efetive, é preciso que haja uma ruptura em relação aos discursos centralizadores que tensionam para a unificação dos meios de comunicação entre os sujeitos que são díspares entre si, o que independe da modalidade discursiva de que fazem uso. Inclusive, é necessário reconhecer que a experiência visual é, para o surdo, o elo que une todas as suas práticas discursivas e, conseqüentemente, seu reconhecimento identitário, como esclarecido por *Estrela Dourada*.

“A Libras veio completar e deu sentido à pessoa que eu era, ou que estava me tornando, uma pessoa que **percebia o mundo pela visão**. Hoje, já adulta, fico gratamente surpresa quando encontro uma pessoa ouvinte que saiba, pelo menos, o básico de Libras.”

Estrela Dourada

Os surdos, nesse entendimento, percebem o mundo pela visão, o que não quer dizer que esta seja de forma inocente, pois ela é concebida com base nos seus acentos valorativos, diferenciando-se por se construir criticamente e por lapidar seus posicionamentos identitários, com base nos discursos com os quais se relaciona dialogicamente, tanto com sujeitos surdos como com ouvintes.

Portanto, os discursos vão se interligando e tecendo teias enunciativas, demonstrando que os posicionamentos expostos nesses enunciados estão vinculados às experiências dialógicas com a comunidade surda. Compreendemos a surdez como diferença e, desse modo, como uma “[...] significação política, [que] é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistência às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante” (Skliar, 1998, p. 6).

Assim, sobressai-se o exercício de olhar para si e para o outro com lentes de empoderamento. Um olhar que revela a ação dispersante de entrar em diálogo com diferentes visões sociais sobre o ser surdo, vê-lo em sua totalidade e distanciá-lo daquilo que o outro é. É um modo de dizer não à

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

padronização e à hegemonia ouvinte, fazendo valer novas identidades, pois “[...] eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’” (Hall, 2020, p. 25, grifo do autor).

Percebemos que, no tocante ao surdo, dispersar significa afastar as visões que cerceiam esse sujeito, dando lugar à experiência visual e à língua de sinais. Para tanto, historicamente, predomina nas comunidades surdas a reivindicação de distanciamento de discursos que relacionam a surdez à deficiência e que entendem a oralidade como mérito a ser alcançado pelos surdos.

A construção de visões dispersantes é social e histórica, por isso Volóchinov (2018, p. 95) afirma que “[...] uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social”. Ou seja, o caráter ideológico corrobora a disseminação de posicionamentos axiologicamente saturados como os apresentados nos enunciados, remetendo a identidades que são formadas ideologicamente por constantes interações sociais.

Nesse movimento, a força de dispersão impulsiona a defesa da diferença linguística e cultural que é guiada pela experiência visual da pessoa surda, perpassando pelo reconhecimento de que a Libras é uma língua de suma importância, a qual precisa ser aprendida e valorizada, não somente por aqueles que fazem parte da comunidade surda, mas também pelos ouvintes. Com o dispersar da centralização ouvinte, os surdos desejam propagar conhecimentos positivos em relação à surdez e à sua língua, inclusive devido à satisfação de se encontrarem com ouvintes sinalizantes, pois, entre outras questões, isso significa respeito às diferenças.

Por fim, em virtude dos enunciados apresentados, observamos a ação das forças centrífugas respaldando o entendimento de que o processo de conscientização sobre uma questão ideologicamente construída se dá a partir de interações sociais ancoradas no respeito às diferentes formas de ser e interagir com o mundo à volta. Isso coaduna com a questão de que as relações dialógicas, a alteridade, são fatores indispensáveis ao convívio social, pois intensificam a vivência de um processo significativo que se nutre na coletividade por meio da construção, desconstrução e reconstrução das formas de ver o outro e interagir com ele.

É importante destacar que, mesmo entre grupos sociais que se reconhecem, não existe uma unicidade, há divergências internas, isto é, também repercute a atuação de ambas as forças. Para tornar evidente tal existência, vejamos o enunciado de uma surda que nasceu ouvinte:

“Hoje, quando vejo uma pessoa surda, é animador conversar com ela por meio da Libras, pois a experiência da visão se torna parte integrante de nossos discursos. Por outro lado, já sofri com as falas da comunidade surda, que não me via como pessoa surda (só porque eu oralizava). Então parecia que eu era incompleta, nem ouvinte nem surda, não me encaixava em nenhum lugar. Quando reaprendi a Libras novamente, passei a me defender como surda. Certamente tenho experiências dos dois mundos, visual e oral, que fazem parte da minha constituição como pessoa surda (nem mais nem menos).” *Estrela Dourada*

O enunciado de *Estrela Dourada* traz à baila o entendimento de que essas forças seguem em constantes embates discursivos. Isso significa que entre sujeitos sociais que se reconhecem enquanto pertencentes a um determinado grupo social o qual há um elo em comum, como o que envolve os surdos, também existem tensões entre si. Ou seja, a forças centrípeta não está associada somente à relação de poder entre surdos e ouvintes, mas também entre os próprios surdos, pois cada sujeito produz seus discursos a partir de bases que alicerçam suas visões ideológicas.

Esses embates dão sentido vivo às relações dialógicas, e Bakhtin corrobora esse entendimento, pois, se os enunciados fossem uníssonos aos sujeitos que compartilham representações identitárias com determinados grupos sociais, não teríamos a singularidade identitária do sujeito sendo reconhecida. Assim, seus discursos seriam meras reproduções e não seriam preenchidos por seus acentos valorativos, tornando-os contraditórios às prerrogativas das identidades inacabadas.

Isso acontece porque a heterogeneidade discursiva ecoa nos mais distintos espaços de circulação da língua viva, uma vez que nos palcos da vida se protagoniza a estratificação dessa língua, a qual se interliga às dimensões de sua construção socialmente dialógica, por sujeitos que se posicionam identitariamente no tempo e no espaço que ocupam. Esse entendimento revela que

[...] há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou pelo contrário tornadas mais claras. As 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (Bauman, 2005, p. 19).

Ou seja, sofremos atravessamentos discursivos que contribuem com o nosso olhar para si e para o outro e, conseqüentemente, refletem nossos posicionamentos identitários. No caso de *Estrela Dourada*, por exemplo, ela precisou passar por um longo processo de empoderamento identitário, a ponto de se impor diante dos mais diversos olhares, advindos de qualquer sujeito, surdo ou ouvinte.

4. Considerações finais

A força da linguagem nos faz entender o célebre discurso reproduzido socialmente de que as palavras têm poder, quando os estudos do Círculo de Bakhtin nos fazem compreendê-lo em sua magnitude por meio da ação das forças centrípeta e centrífuga. Nos diferentes enunciados, por meio de ambas as forças, percebemos posicionamentos identitários inicialmente refletindo os olhares que consideram a surdez como patologia, tornando-a não estimada socialmente, o que entendemos ser a ação das forças centrípeta.

Desse modo, na ação dessa força centralizadora, vemos que o olhar para si e para o outro (o surdo) é atravessado pela negatividade, pois a alteridade é essencial para que as construções representativas de um sujeito se consolidem.

Percebemos, também, que as representações simbólicas da surdez no seio familiar são atravessadas pelo olhar social, quando os surdos e as mães ouvintes de filhos surdos se reconhecem e se posicionam entrelaçados pelos discursos com os quais se relacionam. Por isso, entendemos que

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

os enunciados sobre a surdez como deficiência são valorados pelas forças centrípetas e, portanto, as constituições identitárias se relacionam aos estereótipos ideologicamente disseminados em relação à surdez.

No entanto, a força motriz que move as relações dialógicas, ou seja, a linguagem, é ininterrupta e não privilegia somente um lado, ela é forjada socialmente e, por isso, abrange todas as construções enunciativas, cada qual com seu viés ideológico. Nesse processo, concomitantemente, há um projeto de dizer de resistência que se organiza nas comunidades surdas, emergindo discursos que se consolidam no respeito às diferenças. São enunciados de lutas que resultam do empoderamento do surdo, pois nos movimentos não são aceitos os olhares estereotipados acerca da surdez, havendo aí a ação das forças centrífugas.

Esses pensamentos são contestados, dado o constante processo de construção de conhecimento relacionado à pessoa surda, valorando os discursos que se alinham à diferença como algo positivo socialmente. Eles se mostram dialogicamente interessados pelo outro singular e por sua língua, a Libras, engajados nas lutas surdas, orgulhosos por serem surdos e mães de surdos.

Por fim, o presente estudo revela que a arena discursiva tem sua festa de renovação no seio da linguagem viva e ininterrupta, sempre alinhada à existência das forças verboideológicas, as quais dão tom à discursividade. Nelas, a linha tênue do olhar para a surdez é igualmente diversa e inconclusa, pois cada posicionamento refrata as construções discursivas com as quais se relaciona ideologicamente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da obra de Dostoiévski*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório e posfácio de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2022.

BALEIRO LODI, Ana Claudia. Educação em língua brasileira de sinais: um direito dos surdos a ser assegurado. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 22, n. 2, pp. 316-330, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/40916>. Acesso em: 22 jul. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BRAIT, Beth. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*/ BRAIT, Beth (org.). – São Paulo: Contexto, 2006, pp. 95-114.

- BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Tradução R. L. Baronas e Fernanda T. *Bakhtiniana*, Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], n. 6, pp. 268-280, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em: 29 set. 2022.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. A expulsão do outro e a re-existência do singular. In: GEGe UFSCar. *Palavras e contrapalavras: o Outro Singular*. São Carlos: Pedro & João editores, 2018, pp. 13-24.
- GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. – 7. ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. pp. 103-133.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 2. ed. ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. *Surdez: um território de fronteira*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, pp. 14-23, jun. 2006.
- KLEIMAN, Ângela. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2013. pp. 39-58.
- LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. São Paulo: Instituto Piaget, 1992. 286p.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.
- LIMA, Emiliana Oliveira de. *Constituição identitária de sujeitos aprendizes de Libras no CAS Natal*. Natal, 2022. 154f. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.
- LODI, Ana Claudia Baleiro.; MOURA, Maria Cecília de. (2006). *Primeira língua e constituição do sujeito: uma transformação social*. ETD - Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, pp. 1-13. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101535>. Acesso em: jul. de 2022.
- LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação* 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 85-105

Identidades em movimento dialógico: a surdez no cotejo social

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In. SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, pp. 51-73.

PERLIN, Gladis; MIRANDA Wilson. Surdos: o Narrar e a Política. In: Estudos Surdos – *Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos* n. 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: jan. 2022. pp. 217-226.

PERLIN, Gladis; REIS, Flaviane. SURDOS: cultura e transformações contemporâneas. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne Rossi. (org). *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2012. pp. 29-46.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2015.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2019.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. – 2. ed. – São Paulo: Paulinas, 2010.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. SKLIAR, Carlos (org.) – Porto Alegre: Mediação, 1998. pp. 5-6.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. A concepção dialógica e os dois planos da linguagem e da constituição do sujeito: algumas considerações. *Nonada: Letras em Revista*, vol. 1, núm. 24, enero-junio, 2015, pp. 204-223. Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2019 (1. ed.).

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2018 (2. ed.).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. pp. 7-72.